

O TRABALHO COM CADÁVERES NO IML: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOB A ÓTICA DAS ABORDAGENS CLÍNICAS DO TRABALHO¹²

Work with corpse at LMI: bibliographical review from the perspective of clinical work approach

Leanderson Luiz de Sá³ 

PUC-MINAS⁴

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

José Newton Garcia de Araújo⁵ 

PUC-Minas e Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

João César de Freitas Fonseca⁶ 

PUC-Minas e Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Resumo

Este artigo é uma revisão de literatura que procura ampliar o conhecimento sobre produções relativas a trabalhadores que lidam cadáveres dentro dos Institutos Médico Legais (IMLs). Esse tipo de atividade relaciona-se a temas bastante amplos, como: estigma, invisibilidade social, reconhecimento no trabalho e o conceito de “trabalho sujo”. Tais conceitos estabelecem interface com as Abordagens Clínicas do Trabalho (ACT). A pesquisa incluiu artigos e dissertações que exploram esta interface. Utilizamos bases de dados como Scielo, Google Acadêmico, Banco de Teses de Dissertações da CAPES, e Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, sendo selecionadas 12 publicações. Observamos no universo pesquisado uma aproximação da temática por áreas de conhecimento como Psicologia, Sociologia, Direito, Antropologia e Administração. Compreendemos por meio desta revisão que o cotidiano destes trabalhadores é repleto de dificuldades diante das condições precárias oferecidas pelas instituições em que laboram. Detalhamos esses fenômenos através da construção de quatro categorias: condições e organização do trabalho; morte como objeto de trabalho; estratégias de enfrentamento; reconhecimento e satisfação no trabalho. Concluímos que as ACTs oferecem arsenal significativo de intervenção e análise da temática, mas que as pesquisas têm abordado os trabalhadores predominantemente por uma perspectiva passiva que ignora sua potencialidade de transformação do trabalho.

Palavras chave: Psicologia do Trabalho; Clínicas do Trabalho; Trabalho Sujo; IML.

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

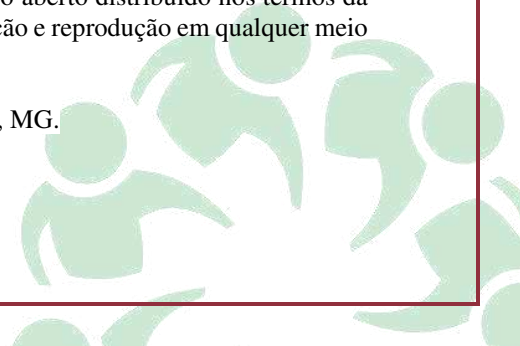
² Copyright © 2023 Luiz de Sá, Araújo & Fonseca. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons. Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ leandersonpsi@gmail.com

⁴ Av. Dom José Gaspar, 500. Coração Eucarístico, 30535-901. Belo Horizonte, MG.

⁵ jinga@uol.com.br

⁶ joacesar.fonseca@yahoo.com.br



Abstract

This article is a literature review that seeks to expand knowledge about academic productions concerning professionals who deal with corpses within Legal Medical Institutes. This type of activity is related to very broad themes, such as: stigma, social invisibility, recognition at work and the concept of “dirty work. Such concepts establish an interface with Clinical Approaches to Work. The search included articles and dissertations that explore this interface. We used databases such as Scielo, Academic Google, CAPES Theses and Dissertations Bank, and National Library Theses and Dissertations, selecting 12 publications. We observed in the universe researched an approximation of the theme by areas of knowledge such as Psychology, Sociology, Law, Anthropology and Administration. We concluded through this review that the daily life of these workers is full of difficulties due to the precarious conditions offered by the institutions in which they work. We detail these phenomena through the construction of four categories. We concluded that Clinical Approaches to Work offer a significant arsenal of intervention and analysis of the question, although the researches have approached workers predominantly from a passive perspective that ignores their potential for transforming work.

Keywords: Work Psychology; Labor Clinics; Dirty Work; IML.

Introdução: A Psicologia do Trabalho em uma perspectiva crítica

A psicologia do trabalho e suas diversas vertentes teórico-metodológicas têm prestado grandes contribuições às pesquisas e práticas científicas, auxiliando na compreensão da dinâmica das subjetividades e seus atravessamentos, no mundo do trabalho. Entre as possibilidades de aproximação deste campo, denominado psicologia do trabalho, destacamos as Abordagens Clínicas do Trabalho (ACTs). Estas, apesar de sua diversidade epistemológica, se interessam pelo enfrentamento da vulnerabilização social no trabalho, pela denúncia de sua precarização, de suas formas de alienação e invisibilidade social (Bendassolli & Soboll, 2011). Mas elas também valorizam a potencialidade de produção criativa inerente a toda atividade que conduz o ser humano às experiências de prazer e realização de si. Além disso, as ACTs adotam o pressuposto de que, entre o trabalho prescrito pelas normas da organização e o trabalho real, ou seja, aquilo que de fato o trabalhador realiza, existe um hiato, um espaço para a criação subjetiva e intersubjetiva que lhe permite dar conta da tarefa proposta.

O conceito de “trabalho” para as ACTs, de modo geral, se insere em um campo de atuação que permite uma mediação entre o mundo psíquico e o social, e por esta razão, por mais que apresente o significante “clínica” em sua denominação, supõe também tratar-se de uma psicologia social. Várias categorias de trabalho e suas dinâmicas de funcionamento vêm sendo analisadas pelas correntes da Clínica da Atividade, Psicodinâmica do Trabalho, Ergonomia, Ergologia e Psicossociologia do Trabalho, que compõem as ACTs (Bendassolli & Soboll, 2014). Elas permitem por meio de metodologias específicas, leituras que contribuem para a

reflexão sobre os fenômenos de alienação e sofrimento no trabalho, além de lançar luz sobre práticas que fazem da atividade laborativa fonte de saúde.

No campo de nossas pesquisas, optamos por eleger como foco de análise, trabalhadores submetidos a situações de invisibilidade, falta de reconhecimento, precarização das relações de trabalho. Trata-se de condicionantes com inquestionável impacto sobre a subjetividade. O presente estudo busca investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, o trabalho de pessoas que têm por atividade a manipulação de cadáveres. Mais especificamente sujeitos que laboram dentro dos Institutos Médicos Legais (IMLs). Estes órgãos, enquanto instituições públicas, possuem como finalidade a investigação das causas clínicas de morte em situações de extrema violência, como acidentes automobilísticos, homicídios, desastres em massa e tantas outras. Para cumprir com este objetivo os IMLs contam com profissionais que precisam, em função de seu ofício, lidar cotidianamente com cadáveres em situações diversas como: corpos em decomposição avançada, carbonizados, esquartejados. O nível e a extensão das lesões investigadas por estes trabalhadores desnudam as condições de violência social em que vivemos, como nos casos de homicídios, além da inexorável fragilidade humana e a imprevisibilidade da vida. Compreendemos que estes são fatores que têm impacto significativo na construção de subjetividades desses trabalhadores.

Tendo as ACTs se interessado, desde o seu início, por atividades marginais, principalmente aquelas envoltas na ocultação do trabalho real, aquele que escapa dos discursos oficiais e maquiados das organizações, compreendemos ser relevante focalizar os sujeitos que laboram nos IMLs. Trata-se aqui de profissionais fundamentais ao funcionamento da dinâmica social, da qual a morte é um elemento integrante, apesar do secular histórico de negação e tentativa de ocultação desta (Kovács, 2013; Combinato e Queiroz, 2017; Ariès, 2003; Becker, 1991). Portanto consideramos, na trilha destes autores, que a negação da morte e suas manifestações subsequentes tende a se estender mesmo àqueles que dela “vivem” profissionalmente, bem como àqueles que pesquisam sobre o tema. Em outras palavras, o trabalho dos profissionais que lidam com cadáveres nos IMLs traz consigo algum nível de ocultação do real. Neste sentido perguntamos: o que têm a Psicologia e as ACTs a dizer sobre a atividade desenvolvida por esses trabalhadores?



Metodologia de coleta de dados

Este artigo apresenta uma revisão de literatura construída a partir das bases de dados Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e dissertações da CAPES. Elegemos os termos: Psicologia do Trabalho, trabalhadores em Instituto Médico Legal (IML), auxiliares de necropsia e trabalho sujo, por compreender que eles possibilitariam acesso a materiais que direta ou indiretamente vinculavam a perspectiva da Psicologia do Trabalho aos profissionais que manipulam cadáveres. Os termos foram agrupados da seguinte forma: “Trabalhadores do IML / Psicologia”, “IML/Psicologia do trabalho”, “Auxiliares de necropsia/Psicologia” e “Trabalho sujo/Psicologia”. Buscamos por artigos e dissertações em português nos bancos de dados já mencionados, no período de 2000 a 2021, utilizando o operador booleano “AND”. O quadro a seguir mostra os resultados nesta primeira análise:

Quadro 1. Quadro esquemático elaborado pelo pesquisador.

PALAVRAS CHAVE	GOOGLE ACADÊMICO	SCIELO	CAPES	BDTD
Trabalhadores do IML/Psicologia	7	0	3	4
IML / Psicologia do trabalho	35	0	26	10
Auxiliares de necropsia/ Psicologia	32	0	7	2
Trabalho sujo/ Psicologia	1130	2	226	19

Após a leitura dos títulos, observamos que o eixo central de algumas produções não coincidia com nosso tema de interesse ou se desenvolvia por meio de outras áreas do conhecimento, não pertinentes a esta investigação, como medicina, engenharia e biologia. Estas produções foram excluídas, o que diminuiu consideravelmente o número de publicações para apenas 28. Na sequência, uma leitura prévia dos resumos dos trabalhos restantes nos conduziu àqueles que de fato interessavam à nossa análise, ou seja, publicações centradas na temática do trabalho e suas implicações físicas e psicológicas, no contexto de profissionais que lidam com cadáveres em IMLs. Elegemos a partir do método 12 textos para serem discutidos nesta revisão.

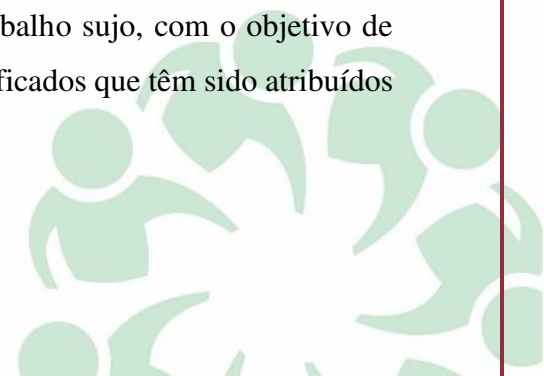
As pesquisas selecionadas foram publicadas nos últimos 20 anos no Brasil nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Distrito Federal e Rio de Janeiro. Foram realizadas predominantemente nas capitais e centros urbanos, locais onde

frequentemente se localizam os IMLs. O foco de abordagem destes estudos se concentra no campo Psicologia, totalizando 8 estudos com ênfase na utilização das ACTs como referências teóricas. Observamos ainda que a totalidade das publicações também apresenta aporte teórico do conceito de “Trabalho Sujo”. Assim, antes de apresentamos as pesquisas sobre o tema, importa uma breve elucidação sobre este conceito, pois ele se mostra basilar ao estudo aqui proposto, tendo em vista que muitos pesquisadores propõem classificar o trabalho com cadáveres como “trabalho sujo”.

Trabalhadores e “Trabalho Sujo” no Brasil

Para Hughes (1962), o trabalho sujo seria aquele envolto em atividades com caráter degradante, seja física, moral ou socialmente. Trata-se, portanto, de um conjunto de ocupações consideradas como desvalorizadas em certo arranjo social, aquelas de menor prestígio social e sem atribuições de poder. Entretanto, desde a década de 60, inúmeras atividades têm sido analisadas sob este aspecto, sendo também denominadas como trabalho sujo.

Bendassolli e Falcão (2013) criticam o fato de algumas leituras da Psicologia Social operacionalizarem pouco este conceito, e por essa razão estes autores buscam descrever o que há de comum entre as atividades consideradas como “trabalho sujo”. Para eles, não são necessariamente as questões de insalubridade e precarização que determinam o trabalho sujo, e neste sentido oferecem uma nova reflexão sobre a implicação do conceito, articulando-o com a Clínica da Atividade (CAT), proposta por Yves Clot. (2017). Para os autores, a ideia de trabalho sujo precisa ser avaliada levando-se em consideração a existência ou não de um coletivo de trabalho que possa dar suporte aos indivíduos. Compreendem, portanto, que uma característica que deveria ser utilizada para classificar uma atividade profissional como trabalho sujo é a questão do isolamento do sujeito, em sua atividade. A CAT denomina gênero de trabalho o coletivo que acumula conhecimentos práticos, ao longo da história de determinada profissão, fornecendo subsídios aos membros sobre o que se costuma ou não fazer e mesmo o que não se deve fazer no trabalho, Clot (2017). Esse gênero fortalece a identidade profissional e assegura acolhimento, conhecimento e proteção aos indivíduos. Assim Bendassolli e Falcão (2013) constroem um diálogo entre a CAT e o conceito de trabalho sujo, com o objetivo de torná-lo mais operacional, tendo em vista a diversidade de significados que têm sido atribuídos ao mesmo, conduzindo ao risco de uma fragilização conceitual.



Talvez seja o caso de considerar que a categoria conceitual trabalho sujo abarque uma diversidade tal de casos que estaria a merecer recategorização [...] um determinado conceito teórico pode incorrer em esvaziamento teórico quando é usado em tantos contextos e para recobrir uma tal diversidade de categorias de fenômenos. (Bendassolli & Falcão, 2013, p. 8).

Em face desta proposição, o que veremos é que pode existir um gênero profissional bem estabelecido para algumas categorias como os profissionais auxiliares de necropsia (AsN) dos Institutos Médicos Legais (IMLs), que é inclusive ressaltado por parte das pesquisas que serão apresentadas. A nós parece que a relevância dos coletivos de trabalho nos IMLs e sua capacidade de suporte a seus indivíduos têm sido obscurecidas pelo significativo “sujo”. Indício desta proposição é justamente a escassez de resultados em levantamento bibliográfico sobre o tema, quando não se utiliza a palavra-chave: “Trabalho Sujo”.

Apresentamos, a seguir, o artigo de Barros & Silva (2004), que é o desdobramento de uma dissertação de mestrado, relatando parte de um estudo exploratório sobre o cotidiano de trabalho dos profissionais do Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. Apresentou análises da pesquisa realizada, que envolveu a entrevista de 20 auxiliares de necropsia⁷, embasada teoricamente em uma perspectiva da psicossociologia e da ergonomia, aliadas a observações de campo. As autoras avaliaram os processos psicopatológicos envolvidos na atividade de trabalhadores do necrotério, bem como as estratégias de enfrentamento de dificuldades diversas. Evidenciaram a lacuna existente entre o trabalho prescrito e o trabalho real, e denunciaram a precariedade das instalações e equipamentos. Segundo as autoras: “A falta de condições adequadas de trabalho impossibilita a valorização do sujeito e perverte o sentido da criatividade do homem” (Barros & Silva, 2004, p.32).

As autoras apresentaram, através da pesquisa, diferentes estratégias de enfrentamento dos auxiliares de necropsia (AsN), diante da flagrante condição precária do trabalho, para manter a saúde física e mental. A racionalização das tarefas, ao tratarem o cadáver como objeto, os comentários e piadas durante as necropsias, a evitação de assuntos relacionados ao trabalho em outros ambientes, o apoio nas crenças religiosas e o uso de bebida alcoólica, como fuga, são algumas de suas estratégias defensivas. Constataram que os AsN são cercados de estigma, conceito referenciado em Goffman (1988), e que há uma constante busca por reconhecimento de seu trabalho, principalmente junto à instituição a que se vinculam.

⁷ A nomenclatura “auxiliar de necrópsia” ou necropsia varia conforme o Estado federativo, podendo ser nomeado ainda como técnico em necropsia, auxiliar médico-legal ou necrotomista. Na prática, são profissionais que exercem a mesma função.

Em outra publicação, Vivian e colaboradores (2013) realizaram estudo qualitativo, por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas, com dois médicos legistas e dois AsN do IML de Santa Catarina. Utilizaram a análise do discurso para avaliação do material coletado. Buscaram identificar os aspectos psicológicos envolvidos na atividade destes profissionais e como os mesmos se posicionam frente à importância do trabalho que executam. Construíram um pequeno panorama sobre o conceito de morte, do ponto de vista biológico, além do desenvolvimento histórico da Medicina Legal. Sobre os trabalhadores, relataram que:

A rotina desses profissionais se dá de forma árdua, onde a carga horária de trabalho excede o que o ser humano é capaz de suportar para desempenhar suas funções de forma bastante eficaz [...] As excessivas jornadas de trabalho e as condições do ambiente se tornam aspectos negativos para a saúde mental desses profissionais que, por vezes, recebem um alto número de ocorrências, acrescida de falta de profissionais e prazos curtíssimos para entrega de laudos, o que gera elevada pressão psíquica, fazendo com que esses profissionais deixem de cuidar do seu próprio bem estar. (Vivian et al., 2013, p. 13).

Para as autoras, esses trabalhadores sofrem grande pressão institucional para a realização eficiente de suas tarefas e enfrentam dificuldades diante da escassez de recursos, na organização a que pertencem. A esse respeito, afirmam: “Os profissionais entrevistados assumem que sentem a falta de um atendimento psicológico e relatam que muitas vezes dividem seus momentos de angústias com seus colegas de trabalho”. (Vivian et al., 2013, p.14). A dificuldade em realizar as perícias em crianças mortas também foi relatada pelos profissionais como um dos maiores desafios. Apesar destas constatações, as autoras concluem que os AsN são “extremamente realizados” em seu trabalho, além de terem plena consciência da importância social de sua profissão. A afirmativa contrasta com alguns relatos dos próprios profissionais e também contrasta com outros trabalhos (Barros & Silva, 2004).

No trabalho de Oliveira e Hoch (2011), também realizado em Santa Catarina, observamos os relatos de auxiliares médico-legais sobre suas vivências no trabalho. As autoras exploram o conceito de saúde mental e, através de entrevistas estruturadas, mostram as percepções destes trabalhadores sobre seu ofício. Dessa forma, expõem as dificuldades diante das pressões do ambiente de trabalho e as exigências de profissionalismo, o que coincide com os apontamentos de Vivian e colaboradores (2013). Os auxiliares entrevistados ressaltaram as dificuldades psicológicas diante das necropsias em crianças e o sentimento de impotência diante destes casos, bem como a insatisfação pelo não reconhecimento de seus trabalhos nos laudos periciais. Questionam também a falta de suporte especializado da instituição, voltado para a

saúde mental, afirmando que muitas vezes pensam em desistir da profissão. As autoras do artigo constataram que estes profissionais parecem buscar apoio junto às famílias, diante do descaso da instituição e do Estado. Apesar de tudo, observaram que os trabalhadores se orgulham do que fazem, mas em muitos momentos “sofrem sozinhos e calados” (Oliveira & Hoch, 2011, p.13).

Em outro trabalho, Lopes e Santos (2013) realizaram, no campo da enfermagem, uma pequena revisão de literatura sobre o cotidiano e o sentimento de profissionais da área de medicina legal. Concluem o artigo, afirmando que os profissionais deste setor não estariam insatisfeitos e não sofrem em seus ambientes de trabalho, (Lopes & Santos, 2013), o que contrasta com os estudos já mencionados, inclusive com uma das principais referências usadas na própria revisão (Barros, 2004). As autoras utilizaram apenas dois descritores na busca (sentimentos / medicina legal), o que os conduziu a apenas 8 publicações, das quais excluíram 6. Julgamos pertinente levar em consideração, neste estudo, as contradições observadas entre as conclusões das autoras e as referências teóricas utilizadas. Observamos ainda que as autoras partem de referências não necessariamente críticas, negligenciando aspectos psicossociais importantes, de interesse para as ACTs.

Cavedon (2017) trabalhando com conceitos da Psicodinâmica do Trabalho, buscou compreender a importância do reconhecimento do trabalho para profissionais de um departamento médico legal (DML), no Rio Grande do Sul. A autora realizou um trabalho de cunho etnográfico, com observação de campo, aliado a sete entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam dentro do necrotério. Além da Psicodinâmica do Trabalho, ela recorreu também à abordagem da Clínica da Atividade, explorando os conceitos de atividade, reconhecimento e o impacto destes fatores na análise da atividade dos trabalhadores do DML. Cavedon (2017) relatou que observou a existência de reconhecimento do trabalho entre os pares, por intermédio de um espaço de cooperação mútua entre os integrantes das equipes de plantão. Entretanto observou que tal espaço se faz insuficiente para salvaguardar esses profissionais do sofrimento e possível adoecimento, na atividade que realizavam. Para a autora, o espaço de cooperação entre os profissionais, além do dispositivo que Dejours denomina “espaço público de discussão”, ajuda a construir o gênero profissional de que trata a Clínica da Atividade, como apontado inicialmente por Bendassolli e Falcão (2013).

Silva et al. (2000) foram a campo investigar os fatores de risco a que estão submetidos profissionais do IML de Campina Grande, na Paraíba. Baseadas em concepções teóricas da Ergonomia e da Psicodinâmica do Trabalho, iniciam a investigação com o questionamento: “como eles conseguem manter a saúde mental?” Além das observações etnográficas, realizaram

quatro entrevistas coletivas com equipes do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal (NUMOL), atuante no IML em questão. Descreveram em detalhes as atividades dos médicos legistas, odontolegistas e necrotomistas, evidenciando em um mapa detalhado uma série de riscos a que esses trabalhadores estão expostos, como: acidentes, ambientais, biosanitários, ergonômicos, sociais, químicos e psicológicos. Na pesquisa, os autores também identificaram estratégias de defesa coletivas e individuais nessas equipes, visando enfrentar as condições adversas de trabalho, corroborando os achados de outros pesquisadores, como Silva et al. (2016), Vivian e Angonese (2015), Barros e Silva (2004). Dentre estas estratégias, destacam as ideologias defensivas e a racionalização, no tratamento dos corpos, diante da precariedade das condições de trabalho. Isso também foi evidenciado por Vivian e Angonese (2015), Barros e Silva (2004). Eles ainda apontaram a falta de reconhecimento do trabalho dos necrotomistas, que sequer aparecem mencionados no laudo final, como já discutiam Oliveira e Hoch (2011). Concluem, afirmando que: “o trabalho no NUMOL só ocorre mediante a subversão constante dos fatores de risco” (Silva et al. 2000, p. 22), subversão essa que passa pela inventividade dos profissionais, diante do trabalho real, além do uso de outras estratégias coletivas de defesa.

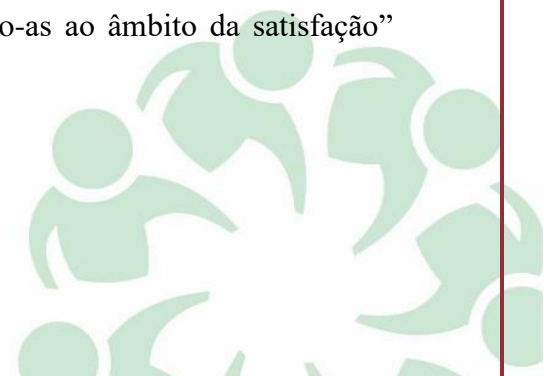
Cavedon e Amador (2005) investigam o trabalho dos peritos criminais do Instituto Geral de Perícias no Rio Grande do Sul, sob a ótica da CAT, recorrendo teoricamente aos conceitos de atividade, gênero, bem como à noção de amputação do poder de agir. A pesquisa busca responder às seguintes questões: em que implica ter a morte como uma constante em sua atividade laboral? Como lidar em seu cotidiano de trabalho com a desconstrução da ilusão de imortalidade, a qual diariamente nutrimos? O que se cria? O que se amplia? Que ações são amputadas? As autoras afirmam: “Na área pericial é a morte que precede a atividade” (Cavedon & Amador, 2005, p.3). Elas explicitam que os profissionais peritos, em sua atividade, estão cotidianamente em contato com crimes envolvendo mortes violentas, e, portanto, em contato direto com cadáveres bastante danificados, mutilados, carbonizados e em estado avançado de decomposição.

As observações de campo feitas por Cavedon e Amador (2005) evidenciam a relevância do suporte do coletivo de trabalho para lidar com impactos psicológicos na rotina laboral. Nesse sentido, as autoras buscaram referência no conceito de gênero de trabalho. Problematizam ainda situações perpassadas por impedimentos da atividade, com conseqüente amputação do poder de agir, quando, após exaustivos trabalhos, o laudo pericial torna-se inconclusivo. Tecem também reflexões, baseadas em Bellato e Carvalho (2005), sobre as concepções históricas relativas à morte e aos processos de transformação da sociedade ocidental, no tratamento dos corpos. Enfatizam que a manutenção da saúde mental dos profissionais desta área vincula-se ao

uso da criatividade, que aumenta seu poder de agir. O artigo é, portanto, um esforço de aplicação dos conceitos da CAT, por meio de observações empíricas que se aproximam dos trabalhos de Silva, Souza e Araújo (2016).

É importante ressaltar que a atividade pericial tem *status* muito diferenciado, em relação à atuação de outros profissionais, como necrotomistas, coveiros e paramentadores. Diversos fatores contribuem para essa diferença de *status* como, por exemplo, a divisão de classe, responsável por um acesso desigual à educação formal, que permite à parcela mais favorecida da população acessar profissões com melhores remunerações. Acrescentem-se os estereótipos sociais veiculados pelas mídias, em virtude de seriados e filmes.

Elias (2007) traz contribuições sobre o grau de satisfação dos auxiliares de necropsia, do estado do Paraná, embasado nas teorias motivacionais e, portanto, mais alinhado à perspectiva da Psicologia Organizacional. O autor apresentou dados de um conjunto de entrevistas. O estudo foi realizado com 15 auxiliares de necropsia de Curitiba, através de questionário com perguntas objetivas que abarcam fatores higiênicos e motivacionais sobre: a percepção destes profissionais, a respeito de diferentes itens como: formação profissional, condições materiais de trabalho, relações hierárquicas, reconhecimento profissional, dificuldades no trabalho, riscos e satisfação pessoal. O autor enfatiza que o arcabouço teórico utilizado tem “grande valia na prática administrativa, pois fornece subsídios que indicam as medidas a serem tomadas, visando buscar melhorias nas condições de trabalho” (Elias, 2007, p.62). O estudo possibilitou afirmar que 40% dos entrevistados concordam totalmente que o necrotério é um lugar calmo e agradável para trabalhar e que a maioria dos trabalhadores constroem boas relações interpessoais com superiores hierárquicos e com os demais colegas de mesmo nível. Vale enfatizar que o referencial da Psicologia Organizacional, utilizado neste estudo, tem sido questionado pelas correntes críticas da psicologia do trabalho, por sua vinculação às práticas administrativas e pelo uso de metodologias que baseiam a coleta de dados em questionários estruturados que privilegiam o modo como o sujeito responde ao ambiente. Consideramos que os achados poderiam ser diferentes, se o embasamento teórico fosse crítico, pois: “o caráter instrumental da Psicologia Organizacional acabou por supervalorizar as teorias comportamentais na psicologia, que maximizam as condições do ambiente no comportamento humano e minimizam as influências intra-psíquicas, reduzindo-as ao âmbito da satisfação” (Sampaio, 1998, p. 22).



Em relação aos materiais de trabalho, que constituem parte dos fatores higiênicos⁸, o autor constatou satisfação “média”. Sobre reconhecimento dos profissionais, em relação à carreira, promoções, salários e progressões, o autor conclui que os auxiliares estão insatisfeitos. Também a respeito do reconhecimento da população sobre os serviços prestados, constatou-se satisfação média desses profissionais. Percebe-se que as condições de trabalho, por mais adversas que possam ser, parecem ser menos danosas, do ponto de vista psicológico, do que a falta de reconhecimento do trabalho realizado. Batista e Codo (2018) também enfatizaram que a atividade propriamente dita é fator secundário de satisfação, se comparada com a estabilidade no emprego, no caso dos sepultadores e paramentadores.

Arthur Campos (2016), a partir da Antropologia, desenvolveu pesquisa etnográfica com trabalhadores de funerárias, cemitérios e IMLs de Brasília. Buscou avaliar, em cada contexto profissional, e a partir dos rituais, como se dá a ressignificação do conceito de morte. Utilizou observação participante e entrevistas semi-estruturadas, trabalhando principalmente com as noções de invisibilidade social, estigma e ritual. Descreveu uma interessante perspectiva antropológica dos ritos de descaracterização do corpo, no IML, até uma personificação do cadáver na funerária, análogo a um trabalho de “avivamento” do cadáver (Campos, 2016).

Apesar de buscar explorar o conceito de trabalho sujo, o pesquisador relatou sua surpresa, ao perceber que não vivenciou a “sujeira” que imaginava, descrita na literatura que investigou. Ele interpreta o fato como sinal de que não compartilhava o conjunto simbólico das noções de “sujeira”. De fato, isso aponta para uma construção polissêmica do conceito de “trabalho sujo”, já apontada por Bendassolli e Falcão (2013). Campos (2016) evidenciou, através dos diversos rituais, o caráter de burocratização, também descrito em outros trabalhos, envolto na morte, no IML, na funerária e no sepultamento. Concluiu que os rituais dos trabalhadores, nestes ambientes, são efetivados tal qual a burocracia estatal, e permitem tornar o trabalho uma atividade técnica e impessoal. Ao mesmo tempo, possibilitam a ressignificação desse trabalho, de modo a causar um distanciamento emocional do morto e seus familiares. Este viés antropológico encontra ressonância no conceito de estratégias defensivas, postas pela Psicodinâmica de trabalho.

A dissertação de Lorenzo Aldé (2003) é o desdobramento de uma pesquisa ampla sobre condições de trabalho e saúde dos policiais do Rio de Janeiro, promovida pelo Centro Latino-

⁸ Variáveis no ambiente de trabalho, que Frederick Herzberg acreditava estarem ligadas à insatisfação no trabalho. Elas são de responsabilidade direta dos gestores e envolvem a política da organização, o ambiente de trabalho, o clima organizacional, as relações entre direção e funcionários, a estabilidade no trabalho, além das condições físicas como instrumentais utilizados, iluminação, organização, espaço físico, instalações, salários etc. São fatores que possibilitam a adaptação do trabalhador, sem, entretanto, produzir motivação ou aumento de produtividade.

Americado de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (Claves). O autor fez um recorte nesta pesquisa, elegendo servidores do IML, para apresentar um trabalho robusto com características quantitativas (que envolveram um questionário com 123 questões fechadas, aplicado a 138 funcionários), e qualitativas (em que analisou 14 entrevistas semiestruturadas com diversos funcionários do IML do Rio de Janeiro). As questões giraram em torno de:

Por que escolheu trabalhar na Polícia? Por que o IML?; a adaptação — Como foi o impacto de deparar-se com um trabalho que envolve cadáveres e a presença constante da morte?; a identidade profissional e social — O que é ser policial?, O que é trabalhar no IML?, O que pensam os outros policiais, os familiares, a comunidade? (Aldé, 2003, p. 62).

O pesquisador realizou ainda uma série de observações de campo, coletando dados sistematizados sobre a percepção dos profissionais, em diversos aspectos envolvidos no contexto de trabalho. Questionou, entre outras coisas, o IML como instituição, e seu papel social, lançando reflexões sobre o significado do trabalho para estes profissionais, a concepção de morte por eles adotada, os processos de estigmatização sofridos e as dificuldades diante das condições de trabalho.

Aldé (2003) também abordou o histórico de desenvolvimento da medicina legal como ciência, descreveu seus impactos sociais, assim como a construção dos conceitos de estigma e trabalho sujo. Embasado em concepções da Psicodinâmica do trabalho, buscou investigar os aspectos da saúde psíquica dos trabalhadores e constatou diversos elementos já apontados em outras pesquisas como: carência de reconhecimento profissional e social: Péssimas condições de trabalho, no que se refere a equipamentos e instrumentos necessários às atividades; processos hierárquicos pautados pela lógica da titulação acadêmica, em que os conflitos são evitados, na medida em que uma classe de trabalhadores, geralmente os auxiliares de necropsia, esteja disponível de modo subserviente aos peritos; além disso, apontou a sobrecarga de trabalho, dado que 72% do público entrevistado alegaram possuir outros vínculos de trabalho. Parte dos profissionais afirmou ter o IML como segunda fonte de renda, exercendo atividades em outros ramos não relacionados. Mais inquietante ainda foi a constatação do uso de drogas lícitas (álcool, antidepressivos, ansiolíticos) e drogas ilícitas, por 82% dos entrevistados. Parte dos entrevistados relatou, pelos questionários, fazer uso dessas drogas, em função do estresse ocupacional. Eles reconhecem também os riscos biológicos e psicológicos no trabalho com cadáveres e acrescentam ainda os riscos radiológicos, químicos, além do risco de violência social, pelo fato de serem policiais.

Apesar destes achados, o autor também conseguiu identificar que 53,7%, dos profissionais, consideram o ambiente de trabalho um lugar calmo e agradável, além de sentir que podem contar com o suporte e apoio dos colegas de trabalho. E afirma:

Surpreendeu-me o resultado do item “tipo de atividade que executa”, o segundo melhor avaliado [...] nos permitem inferir que, de um modo geral, os funcionários não veem problemas na função que executam, em si. Tomando o exemplo mais contundente do que isto pode significar: o auxiliar de necropsia, responsável por manejar cadáveres muitas vezes putrefatos, não se declara insatisfeito com a natureza de sua função. Está insatisfeito, sim (como de resto os outros funcionários), com as condições e a carga de trabalho, com o salário, com o pouco reconhecimento que recebe. (Aldé, 2003, p. 72).

Aldé oferece um retrato rico das condições de trabalho dessas pessoas e sua relação com a instituição. Chama atenção a seguinte afirmação do autor: “A fragilidade do mercado de trabalho provoca resignação” (Aldé, 2003, 82). Ele ainda cita Dejours: “Quando mencionamos a situação dos que sofrem por causa do trabalho, provocamos quase sempre uma reação de recuo ou de indignação, pois damos assim a impressão de que somos insensíveis à sorte supostamente pior dos que sofrem por causa da falta de trabalho”. (Dejours, 1998, p. 44).

É possível dizer que o trabalho de Lorenzo Aldé se completa com a pesquisa de Frankleudo Silva (2015), que investigou a atividade de trabalho dos necrotomistas, na Paraíba. Trata-se de um diálogo entre a Clínica da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho, passando pelos pressupostos da Ergonomia e sua diferenciação do trabalho prescrito e o real. A dissertação é uma pesquisa qualitativa, em que o pesquisador utilizou como métodos: questionários sociodemográficos, entrevistas semiestruturadas com seis trabalhadores e quatro observações de campo. Realizou, ao final, análise de conteúdo temática dos dados coletados, apresentando os dados da pesquisa aos participantes, em um grupo focal. Assim como Aldé (2003), Barros & Silva (2004) e Silva (2014), ele também evidenciou que os profissionais sofrem com sobrecarga de trabalho, observada em duas situações principais: as condições críticas de trabalho, no que tange a equipamentos e instrumentos inadequados, e o fato de possuírem, na grande maioria, outros vínculos de trabalho que possibilitam um complemento salarial, diante dos baixos vencimentos que recebem como servidores públicos:

A alta temperatura da sala de necropsia, que não possui ar condicionado, constrange, sobretudo, os necrotomistas que trabalham paramentados com jaleco, avental, luvas e botas. As mesas de necropsia possuem bases de alvenaria, não permitindo regulagem de altura [...] a

insatisfação com os salários recebidos apresentou-se como uma constante nos depoimentos... os baixos salários não deixam escolha à maioria dos necrotomistas, a necessidade de complementar o salário faz com que as 72 horas destinadas ao descanso sejam ocupadas quase que integralmente por outros trabalhos. (Silva, 2014, p. 21).

O autor, baseado nos conceitos de estigma (Goffman, 1988) e de trabalho sujo (Hughes, 1962), analisou a atividade dos necrotomistas, chegando à conclusão de que o trabalho se enquadra nos referidos conceitos. Contudo, separou neste contexto outros trabalhadores que, em função da formação e uma divisão de classe evidente em nossa sociedade, mesmo que trabalhem em um necrotério, estão “imunes” a tal classificação. É o caso dos peritos:

Nas atividades que envolvem objetos fisicamente sujos, mas que estão mais bem posicionadas na escala de prestígio social, como é o caso dos peritos médico legais, observamos que, durante as necropsias, seu trabalho atem-se ao comando dos procedimentos e ao preenchimento de laudos, relegando aos trabalhadores de ocupações menos valorizadas, como a dos necrotomistas, o contato direto com o cadáver, em diferentes estágios de decomposição, e de higienização dos instrumentos de trabalho. Assim, nossas observações na sala de necropsia nos permitiram perceber que os peritos não se sujaram, dado que seu contato físico com os cadáveres é quase inexistente. (Silva, 2014, p. 23).

Estas observações também já foram feitas por outros pesquisadores, em diferentes Estados da federação (Barros & Silva, 2004; Aldé, 2003). Na pesquisa de Silva (2014, p. 24) um dos entrevistados relata: “é o necrotomista quem põe a mão na massa, nós temos o contato com o cadáver, nós somos os braços e, muitas vezes, até os olhos dos peritos, somos um instrumento dos peritos”. Parece que estigma e invisibilidade social se ligam, inevitavelmente, ao poder aquisitivo. É preciso pensar também a questão de status social de cada profissão. O cinema com frequência produz uma glamourização da figura do legista como um especialista investigador sempre representado em jalecos brancos, limpos e alinhados dotado de um saber supremo sobre a vida e morte. Assim, parece-nos que a invisibilidade social de um médico legista, assim construído imagetivamente, e que na realidade faz uso do necrotomista como seu instrumento de trabalho, precisa ser melhor questionada pelos estudiosos dessa temática.

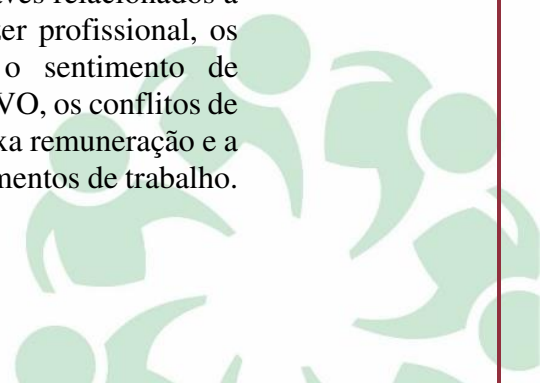
Silva (2014) trabalhou ainda as concepções de estratégias defensivas, de Dejours (1998) e observou, em sua pesquisa de campo, o modo como os profissionais utilizam essas estratégias, para lidar com o real da atividade, tal como a eufemização (minimização da importância dos riscos de contaminação) e o uso de álcool. Os resultados da pesquisa mostraram que as

condições de trabalho também são precárias, como em outras instituições estatais. Ainda assim, o autor conseguiu identificar aquilo que Dejours (2011) denomina ressonância simbólica, o que permite aos trabalhadores converter situações de sofrimento patogênico no trabalho em criatividade e prazer.

Messias (2017) utilizou a Clínica da Atividade em sua pesquisa qualitativa, dividida em três fases: na primeira, realizou entrevistas semiestruturadas com 13 auxiliares de necropsia de um Serviço de Verificação de Óbito (SVO) da cidade de Natal, buscando levantar fatores motivacionais, identidade profissional, reconhecimento, assim como a noção de trabalho bem-feito. Na segunda etapa, aplicou a técnica de instrução ao sócia em duplas de participantes, seguida de uma entrevista de autoconfrontação. Trabalhou também a perspectiva contemporânea sobre a morte, com argumentos baseados em Ariès (2003), e as ressignificações de vida e morte, na ótica da regulação dos corpos pelo Estado.

O autor, utilizando os conceitos de gênero, estilo, atividade e real da atividade, atuou como coanalista da atividade junto aos auxiliares de necropsia. Prática que teve como intuito promover reflexões e mudanças sobre o trabalho dos profissionais do SVO. Os resultados de sua dissertação mostram convergência com resultados de outros pesquisadores. No que diz respeito às condições de trabalho, Messias (2017) destacou que elas também são precárias, em vista do sucateamento e da falta de equipamentos e instrumentos, sendo os servidores mal remunerados. Pelas entrevistas, constatou que muitos profissionais permanecem na atividade em função da flexibilidade dos horários de trabalho e da estabilidade do serviço público, dados já evidenciados em diversas pesquisas (Barros & Silva, 2004; Oliveira & Hoch, 2011; Aldé, 2003; Silva et al., 2016; Batista & Codo, 2018). Esta flexibilidade permite a atuação em outras profissões, artifício que esses trabalhadores têm usado para conseguir melhores remunerações. Contudo, pode-se afirmar que, enquanto alguns auxiliares de necropsia percebem a profissão como um “trampolim” para algo melhor, outros se dizem satisfeitos e realizados na profissão (esses, na maioria, próximos da aposentadoria). Ainda sobre os profissionais, o autor afirma:

Os relatos apresentados nos mostram que os técnicos em necropsia encontram diversos pontos negativos e positivos associados ao trabalho no SVO. É possível perceber que os principais entraves relacionados à atividade seriam: os diversos impedimentos do fazer profissional, os estigmas e preconceitos associados à função, o sentimento de desvalorização do trabalho por parte da direção do SVO, os conflitos de relacionamentos entre membros da instituição, a baixa remuneração e a falta de manutenção e/ou aquisição de alguns instrumentos de trabalho. (Messias, 2017, p. 38).



Uma informação contrastante, em relação a outros estudos, versa sobre a utilização incorreta dos equipamentos de proteção individual (EPIs). O autor descobriu que, mais do que estratégias defensivas de eufemização (Silva, 2014), o uso de alguns EPIs traz limitações técnicas que impossibilitam a realização de um trabalho bem feito. Neste sentido, observou a relevância do gênero profissional, no reconhecimento do trabalho destes profissionais. Entretanto, esse reconhecimento inexistente, por parte da organização. O autor constatou ainda, como em outros estudos, que os profissionais possuem formação acadêmica superior à que demanda o cargo (Barros & Silva, 2004; Aldé, 2003; Silva, 2015; Oliveira & Hoch, 2011). Com isso, percebeu ele a importância da produção de conhecimentos e do contexto acadêmico, na compreensão da atividade desses profissionais, em que se destaca a construção de identidades menos estigmatizadas. Outro resultado interessante de se avaliar é o fato de muitos trabalhadores terem relatado o desejo de serem transferidos para o IML do Estado que, segundo consta, possui instalações ainda mais precárias que o SVO, além de grande carência de materiais de trabalho. Esse anseio, segundo as entrevistas, vem de dois aspectos principais: melhores salários no IML, na mesma função de técnico em necropsia, e um prestígio social, pelo fato de o IML estar vinculado à polícia (essa percepção ronda o imaginário dos técnicos em necropsia do SVO).

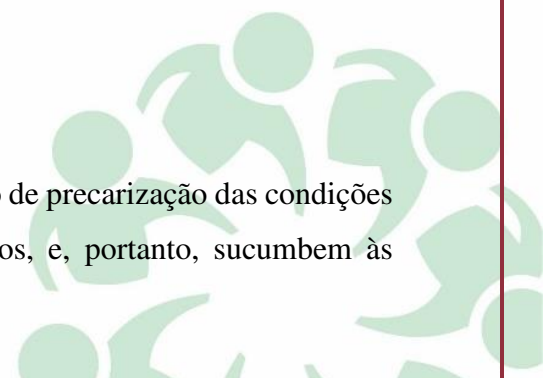
Por outro lado, Messias (2017) também constatou, em depoimentos, a expressão de grande satisfação, prazer e orgulho da profissão, por parte desses trabalhadores. Isto remete, de certa forma, a um paradoxo, que talvez seja explicado pelas singularidades difíceis de serem capturadas em pesquisas desta natureza.

Resultados e Discussão

A partir da apresentação das pesquisas, propomos nesta parte uma breve categorização dos elementos mais recorrentes, seguidos de uma análise teórico-reflexiva. Neste sentido observamos a incidência de 4 temas centrais que categorizamos como: 1 Condições e organização do trabalho; 2 Estratégias de enfrentamento; 3 Morte enquanto trabalho e 4 Reconhecimento e satisfação no trabalho.

1 Condições e organização do trabalho.

Os estudos apontam que há, de modo geral, uma situação de precarização das condições de trabalho desses profissionais. Os IMLs são órgãos públicos, e, portanto, sucumbem às



mesmas mazelas que outros aparelhos estatais, no que tange a condições de equipamentos, instalações e insumos. Essa questão contribui como fator adicional de sofrimento mental dos trabalhadores, como apontado nas pesquisas. Além disso, podemos pontuar ainda questões relacionadas à organização do trabalho. Os pesquisadores destacam o fato das excessivas jornadas, no próprio IML ou eventualmente a atividade no IML associada a outra ocupação profissional como complemento de renda, fator que também pode contribuir para o estresse ocupacional. A organização do trabalho tende a ser hierárquica com a divisão clássica entre o trabalho “braçal”, via de regra do auxiliar de necrópsia e o “intelectual” do médico legista ou perito.

2 Estratégias de enfrentamento

Os elementos elencados na categoria anterior, associados à violência da atividade em si, provocam uma séria de estratégias de enfrentamento destacadas pelos pesquisadores. A racionalização das tarefas a serem executadas aparece como ferramenta mais utilizada. Pensar o trabalho de modo técnico parece permitir afastar do campo de percepção a fragilidade da vida expressa nos corpos mutilados bem como as péssimas condições de trabalho. Mais prejudicial é a constatação generalizada do uso de drogas lícitas e ilícitas por estes profissionais e a associação deste comportamento ao contexto laboral. Por outro lado, o apoio psicológico do coletivo de trabalho e da família também aparece como um método de enfrentamento do sofrimento no cotidiano laboral. Consideramos essa última a mais importante forma de enfrentamento.

3 Morte enquanto trabalho.

Ao que tudo indica, pelo levantamento realizado, lidar com morte é questão que levanta desconforto frequentemente, quando o óbito envolve crianças. De modo geral, os pesquisadores mostraram que a morte faz parte do cotidiano e é relativamente bem suportada por eles. Como aponta Aldé (2003,72), a atividade propriamente dita, lidar com cadáveres, é menos agressiva à saúde se comparada a falta de reconhecimento, os baixos salários e o sucateamento das instalações.



4 Reconhecimento e satisfação no trabalho

Este tópico aparece em todas as pesquisas e é levantado como a principal fonte de questionamento dos trabalhadores. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que observamos recorrentes relatos de falta de reconhecimento, também percebemos manifestações de satisfação no trabalho. Compreendemos que existe neste ponto uma diferença relevante: os trabalhadores questionam a falta de reconhecimento institucional por seu esforço e exercício. Contudo, ressaltam o apoio familiar e reconhecimento pelo próprio grupo de trabalhadores, aqueles que partilham do gênero da atividade. Como ensina Dejours (1998, p.21): “somente depois ter reconhecida a qualidade do meu trabalho é que posso, em algum momento posterior, repatriar esse reconhecimento para o registro de identidade”. Entretanto, o mesmo autor ressalta a primazia do reconhecimento do trabalho pelos pares, ou seja, o coletivo de trabalhadores, aqueles que dividem os mesmos conhecimentos e habilidades. Este movimento mostra-se fundamental para a consolidação de identidades e do próprio grupo.

Considerações finais

A psicologia do trabalho, por meio de suas vertentes críticas como as ACTs, tem permitido e contribuído para pesquisas sobre os profissionais que atuam com corpos em IMLs. Foi possível observar pelos estudos apontados a importante e inseparável relação trabalho/subjetividade neste tipo de atividade tão peculiar e rodeada de tabus e estigmas. As ACTs auxiliaram os pesquisadores a elucidar diversos aspectos relativos aos processos de subjetivação envolvidos na atividade desses trabalhadores. A operacionalização de conceitos-chave, como gênero profissional e estratégias coletivas de defesa, trabalho prescrito e trabalho real, permitiu ampliar a compreensão sobre o modo como esses sujeitos conseguem suportar psicologicamente o trabalho. Não obstante, nossa percepção é que há demasiada ênfase na perspectiva de um trabalhador vitimado pelo contexto e que apenas reage pondo em ação mecanismos de defesa coletivos e individuais. Obviamente que isso ocorre e não negamos essa condição. Contudo, é importante destacar que o trabalhador é um sujeito ativo, criativo e possui não apenas a capacidade de suportar o trabalho. Ele possui também latente a habilidade de subvertê-lo criativamente para realizar uma “bela obra”, que possa ser reconhecida ao menos pelo coletivo de trabalho. Assim, além do sofrimento, há também produção de saúde e prazer na atividade que envolve a manipulação de cadáveres. O enfoque de futuros pesquisadores desta temática deve levar em consideração o que diz Clot (2007, p.222) “não se trata, em matéria

de análise do trabalho, de cuidar do trabalhador, trata-se de, no método de ação, fazer trabalhar os trabalhadores para que cuidem do trabalho”. Em outras palavras, abordá-los não como sujeitos passivos, vítimas de seu contexto precarizado e não reconhecido, mas como sujeitos potencialmente ativos e capazes de transformações no trabalho.

REFERÊNCIAS

- Aldé, J. (2003). *Ossos do ofício: Processo de trabalho e saúde sob a ótica dos funcionários do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro*. [Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz]. <https://teses.iciet.fiocruz.br/pdf/aldelm.pdf>
- Airès. P. (2003). *História da Morte no Ocidente*. (3ª. ed.). Ediouro.
- Barros, V. A. De., & Silva, L. R. DA. (2004). Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. *Psicologia em Revista*, 10(16). <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/24478>
- Batista, A. S.; & Codo, W. (2018). Trabalho sujo e estigma: Cuidadores da morte nos cemitérios. *Revista de Estudios Sociales*, 63(63), http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123885X2018000100072&script=sci_abstract&tlng=pt ;
- Becker. E. (1991). *A negação da morte*. (16a. ed.). Record.
- Bellato R., & Carvalho, E. C. (2005). O jogo existencial e a ritualização da morte. *Revista Latinoamericana Enfermagem*, 13(1)<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2000>
- Bendassolli, P. F., & Falcão, J. T. DA R. (2013). Psicologia social do trabalho sujo : revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. *Univ. Psychol Bogotá*, 12(4).http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S165792672013000400014&script=sci_abstract&tlng=pt
- Bendassolli, P. F. & Soboll, L. A. P. (2014). *Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho. Clinicas do Trabalho*. (1ª. ed.). Atlas.
- Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (2011) *Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios*. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 14(1). <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v14n1/v14n1a06.pdf>
- Campos, A. S. B. (2016). O “estado” da morte: Uma etnografia junto a trabalhadores da morte. [Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília], Biblioteca Digital UnB. <https://bdm.unb.br/handle/10483/14737>
- Cavedon, B. Z., & Amador, F. S. (2005). Quando a morte é o começo da atividade: análise do

trabalho sob ponto de vista da clinica da atividade. Revista do Departamento de Ciências Humanas, 1(37). <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i37.2459>

Cavedon, N. R. (2017). O departamento médico legal deveria ser bem tratado. O (não) reconhecimento na atividade dos servidores do DML. Economia e Gestão, 17(45). <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/P.1984-6606.2017v17n46p23>

Clot, Y. (2007). A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. Fractal: Revista de psicologia, 22(1). <https://www.scielo.br/j/fractal/a/9pTnMd8M6mKNwnXKpFGSNNf/?lang=pt>

Clot, Y. (2017) Clínica da Atividade. Revista Horizontes, 35(3). <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/526>

Combinato, D. S., & Queiroz, M. S. (2017) Morte: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia, 11 (1). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x20060002000010>

Dejours, C. (1998). A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. (5ª. ed.). Cortez Editora

Dejours, C. (2011). Uma resposta durante o seminário “Sofrimento e prazer no trabalho” In: Lancman, S. & L. I. Sznclwar (Eds). Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.

Elias, E. R. (2007). Grau de satisfação profissional dos auxiliares de necropsia do instituto médico legal do Paraná. Curitiba [Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná.] <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/62416>

Goffman, E. (1988). Estigma – Notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada. (4ed.). LTC.

Kovács, M. J. (2013). *Morte e desenvolvimento humano*. (1ª ed.). Casa do Psicólogo.

Lopes, B. DE O & Santos, J. L (2013, junho). Cotidiano e sentimentos dos profissionais na área de medicina legal: Uma revisão bibliográfica. VII EPCC Encontro Internacional de Produção Científica UNICESUMAR. Maringá, Brasil. UNICESUMAR. <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/4334>

Messias, J. DA S. (2017) Estudo clínico da atividade laboral dos técnicos em necropsia de um serviço de verificação de óbito do nordeste do Brasil. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25273>

Oliveira, L. A., & Hoch, V. A. (2011). A saúde mental dos auxiliares médico-legais na atividade de serviços de necropsia no Instituto Médico Legal no extremo oeste catarinense. Vittalle, 23(1). <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/5108>

Sampaio, J. R. (1998). A psicologia do trabalho em três faces. In I. B. Goulart & J. R. Sampaio (Orgs.), *Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.



- Silva, F. L. DE L. (2015) Análise da Atividade de trabalho dos necrotomistas. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba]. Repositório UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6972/1/arquivototal.pdf>
- Silva, F. L. DE L., Souza, P.C.Z., & Araújo, A.J.S. (2016). Estigmatização e riscos no trabalho dos necrotomistas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1). <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6972/1/arquivototal.pdf>
- Silva, E. F., Lopes, H. L., & Silva, A. P. (2000). O trabalho vivo de profissionais que lidam com a morte. *Cadernos de Psicologia Social*, 18(1). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172015000100005
- Vivian, C., & Angonese, A. S. (2015). Além do que se vê: a Atuação dos Profissionais Do Instituto Médico-Legal (Iml) Em um ambiente onde a vida começa, transcorre e termina. *Unoesc e Ciência*, 6(1). https://periodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/6509/pdf_74
- Vivian, C., Mahl, A.C., Silva, J.C. & Oliveira, L.A. (2013). Profissionais de corpo e alma: aspectos psicológicos envolvidos no vital processo de reparação da justiça, o dia a dia dos auxiliares e médicos legistas. *Psicologia em Foco*, 5(6). <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1120>

Contribuições dos Autores	
Autor 1:	Primeira redação, escrita. Execução da Revisão Integrativa e produção textual do material
Autor 2:	Participação orientativa na concepção e análise dos dados, assim como na revisão do texto.
Autor 3:	Revisão e edição

